

R E F L E X Õ E S

Nêste ponto do tempo, consequência das / minhas decisões, fico a refletir e a analisar o que começa a me rodear.

Uma destas coisas, é o isolamento. Penso. Tudo vai ficando distante, cada vez mais. Vão ficando apenas lembranças que colorem o quadro de nossa vida passada e que de quando em quando nos tiram da realidade e nos afogam no universo da imaginação. E são essas recordações um perigo constante a abalar a nossa certeza de possuir um "EU" superficial (também geral) e o "EU" profundo, perfeitamente unidos. São elas que atacam e nos consomem. É, aí então, que se fixa o maior perigo, pois estaremos com os alicerces de nossa / constituição que são o conhecimento de possa personalidade por nós mesmos, ou seja, a nossa integridade, ameaçada constantemente. Se somos fortes, e de um modo geral, insensíveis, poderemos depois de sermos consumidos, novamente nos transformarmos matéria e consciência. Por quê matéria e consciência (?) haverás de perguntar. Matéria e consciência sim, pois quando estamos sob a mira do passado, esquecemos, inconscient-tes, de que existimos como matéria e que somos participantes de nosso tempo e espaço. Porém, se somos sensíveis e fracos, nunca poderemos interromper o processo de decadência a que estamos sujeitos, e assim, ficaremos fora de nossa era, sem alcançarmos os objetivos que nos foram dados desde a criação, isto é, cumprirmos o papel de homem, dentro de uma sociedade, perfeitamente sabida, humana.

O isolamento gera a solidão, que por sua vez nos coloca dentro da abstração, isolados do mundo real. Todos nós estamos sujeitos a este círculo vicioso que vai de isolamento a isolamento, que pode ser o ponto de partida para a nossa total auto-destruição. Note, eu não disse que é ponto de partida, e sim, que pode sê-lo.

Ao encontrar-se só, o eu profundo começa a se revelar, e esta revelação agarra-se às recordações, às lembranças do passado, quer boas, quer más, e que vão progressivamente enterrando-nos em frustrações. Se más, o indivíduo se recrimina por ter perdido um tempo que hoje poderia ser de melhores lembranças. Se boas, novamente a recriminação, agora sob o / pretexto de que em sua atual situação, não pode mais voltar a elas. Em tempo, deve-se entender como eu profundo, o que está guardado sob sete chaves no fundo / do subconsciente, e como eu superficial, o consciente, o real puro, livre de imagens que são enfeites da realidade.

Acontece que nem sempre está o indivíduo preparado para impingir uma ação repressiva. Não tem auto-defesa suficiente.

Tudo passa como se nos encontrássemos num labirinto. Mas vejam que para nêle penetrarmos foi necessária uma entrada, e que poderá nos servir de saída, pois não se fechou à nossa passagem. Ficam então duas alternativas que serão escolhidas de acordo com a moral de cada um. Se a moral é elevada, o caminho seria o de amarrarmos uma linha na entrada e irmos andando e desenrolando o carretel. Se a moral, entretanto, é baixa, o caminho é o de não usarmos a linha e /

com isso nos arriscarmos a ficar como andarilhos em / meio aos corredores do subconsciente, com a esperança de que algo, um dia, venha daí nos tirar, porque o / consciente estará completamente dominado.

Com isto, quero dizer que se nos propusermos desde o raiar da solidão, a sempre que as imagens do passado nos afetem, mantermos sempre o consciente, isto é, o eu superficial, conhecedor da sua realidade como ser integrado e interligado com o real, se o mantermos a par do que estamos a nos entregar, suportaremos as investidas do subconsciente, e mais, êle em nada nos afetará. Não nos afetará porque o consciente / está em constante vigília, e se nos distanciamos, nos trás de volta. Sempre voltaremos ao estado de matéria-consciência. Aquêle que não se preocupar, não der / crédito ao poderio do subconsciente, minuará e viverá procurando sem nunca achar, pois estará procurando no lugar errado. Estará distante de seu tempo e espaço. Não será ninguém. Não será nada, pois fazemos parte de um mundo real, no qual a imaginação e os sonhos são luxo a que poucos podem se entregar. A imaginação e os sonhos, fazem parte de uma ciência que para a / sua prática exige um profundo conhecimento de causa.

3/9/69